

COMENTÁRIO DO PROVEDOR

O cerne da questão é o plágio: Clara Barata não indicou as fontes e não inseriu aspas na prosa copiada da *Wikipedia* (fonte credível sem confirmação dos dados?) e da *New Scientist*. O resto é acessório, mas é aparentemente o mais importante para a jornalista da secção Ciência do PÚBLICO...

O provedor lamenta que a jornalista não tenha facultado aos leitores a totalidade da troca de correspondência com o provedor (para além de ter omitido a hora de chegada de uma mensagem)...

Clara Barata precisou de 31.919 caracteres para tentar justificar o indefensável.

Passemos então aos detalhes já que a jornalista prefere debater apenas o acessório...

1- O provedor pergunta:

21H15: “Permita-me formular então mais um pedido de comentário seu: quais as fontes do artigo ("*Em busca do autobronzeador ideal*") e a razão que a levou a não as explicitar na totalidade e a não colocar as aspas nos textos alheios?”

21H18 : “Por uma questão de honestidade permita-me comunicar-lhe o seguinte: Os dois textos seus já referidos nas anteriores mensagens contêm inúmeras frases de fontes não mencionadas. Essas mesmas frases também não estão entre aspas. Caso pretenda complementar as suas respostas iniciais eu aceito.”

2- Responde a jornalista: “*Neste momento, a minha incompreensão do que está ele afinal a falar é grande. Por isso lhe enviei este mail: ‘Sinceramente, não faço a menor ideia daquilo a que se refere’.*”

Clara Barata continua a defender que ignora aquilo que está em causa.

3- O provedor responde (mencionando 13 casos concretos):

21H29: “Eis alguns exemplos de frases polémicas (retiradas dos textos assinados pela Clara):

“Faz com que os melanócitos libertem melanina que já está produzida.”
“**causes release of preexisting melanin from the melanocytes**”

“Faz com que a melanina se combine com oxigénio, o que produz o escurecimento da pele”

“causes the melanin to combine with oxygen (oxidize), which creates the actual tan color in the skin”

“Parece ser menos cancerígena que a UVB, mas causa melanoma, que é uma forma perigosa de cancro da pele”

“seems to cause cancer less than UVB, but causes melanoma, a far more dangerous type of skin cancer than other types”

“Não é bloqueada pela maior parte dos protectores solares, mas pode ser travada, em boa parte, pela roupa”

“is not blocked by many sunscreens but is blocked to some degree by clothing”

“Desencadeia a produção de mais melanina na pele”

“triggers creation and secretion of new melanin into the skin”

“Causa o crescimento de sinais e algumas formas de cancro da pele (mas não melanoma)”

“is thought to cause the formation of moles and some types of skin cancer (but not melanoma)”

“Envelhece a pele (menos que a UVA)”

“causes skin aging (but at a far slower rate than UVA.)”

“Estimula a produção de vitamina D, que é essencial ao organismo e diminui os riscos de outros cancros”

“stimulates the production of Vitamin D, which promotes lower rates of disease, and ironically lower rates of skin and other types of cancer”

“Queima mais facilmente que a UVA se houver sobreexposição; em pequenas quantidades é benéfica”

“is more likely to cause a sunburn than UVA as a result of overexposure, however moderate exposure can be healthy”

“Pode ser quase completamente bloqueada pelos protectores solares”

“is almost completely blocked by virtually all sunscreens”

“A chave deste novo autobronzeador está num extracto de plantas chamado forskolina que, nas experiências da equipa, protegeu ratinhos sem pêlo de radiação ultravioleta e permitiu-lhes desenvolver um bronzeado natural, estimulando os seus melanócitos (...)”.

“The key chemical, a plant extract called forskolin, protected mice against UV rays and allowed them to develop a natural tan by stimulating pigment-producing cells called melanocytes.”

“A capacidade de se bronzear – (...) – é controlada pela hormona de estimulação dos melanócitos, que se liga a uma proteína que existe no exterior destas células. Esta proteína, que se chama receptor de melanocortina 1, funciona mal em muitas pessoas que têm a pele clara e o cabelo ruivo. É por isso que não se conseguem bronzear, e ainda por cima correm maiores riscos de desenvolver cancro da pele.”

“The ability to tan is largely controlled by a hormone called melanocyte-stimulating hormone, which binds to the melanocortin 1 receptor (MC1R) on the outside of melanocytes. Many people with with red hair and fair skin have a defect in this receptor, meaning they find it almost impossible to tan and are prone to skin cancer”.

“Numa segunda série de experiências os cientistas usaram ratinhos susceptíveis ao cancro, expondo-os ao equivalente a uma a duas horas de Sol na altura do meio-dia solar, diariamente, durante 20 semanas.”

“In a second experiment, a particularly cancer-prone strain of mice, also bred to lack effective MC1Rs, were exposed to the equivalent of 1 to 2 hours of midday Florida sunlight each day for 20 weeks.”

Acho que dá para entender. Estas frases assinadas por si não contêm a indicação da autoria e não estão colocadas entre aspas...

Não posso ajudar mais.”

4- E logo a seguir o provedor escreve (mensagem que Clara Barata se esqueceu de reproduzir na sua carta):

21h33: “Enviei-lhe apenas algumas frases. Há mais texto nessas condições...”

Caso pretenda reformular a sua resposta em relação aos dois textos, repito, aceito. Diga-me só o que pretende fazer pf para eu dar por finda a escrita da próxima crónica do provedor com as suas respostas iniciais ou as suas respostas reformuladas.”

5- Apesar das sucessivas solicitações do provedor a jornalista considera no seu comentário que *“o dever do provedor, quando está a formular acusações tão graves, é apresentar os dados concretos. Se me tivesse apresentado a notícia da “New Scientist” – que é uma das fontes citadas no texto, como está lá bem claro – a minha resposta teria sido muito*

diferente da resposta exasperada que lhe enviei, e da qual fez uso na crónica (...)”

O provedor apresentou a Clara Barata 13 casos concretos (incluindo 3 relativos à *New Scientist*). É pouco? Na realidade a jornalista tem razão. Há mais texto copiado, mas aqueles 13 exemplos e o parágrafo do provedor “*Acho que dá para entender. Estas frases assinadas por si não contêm a indicação da autoria e não estão colocadas entre aspas...*” deviam bastar. Aparentemente, não bastaram. A jornalista continua a insinuar que ignora o que está em causa.

6- Clara Barata prossegue “*Acontece que na crónica que publicou o provedor esta confusão entre os dados da caixa e o texto propriamente dito é aprofundada. A mensagem que se passa é que escrevi um texto sem citar fonte alguma, e que não me interessa de onde retiro a informação. Ora isto não podia andar mais longe da verdade.*”

Clara Barata confunde, mais uma vez, o essencial e o acessório. A única questão relacionada com os seus dois textos (podia até ser só um) é o plágio. A jornalista omitiu as fontes e não inseriu sequer aspas na prosa copiada. Isso sim é um facto relevante para o qual o provedor até hoje não obteve uma resposta concreta...

7- O comentário seguinte de Clara Barata é controverso: “*Primeiro, o contacto feito comigo, até ao momento em que ele já estava a escrever a crónica, foi apenas e só relativamente à caixinha de dados factuais. E nunca me disse de onde considerava que era proveniente (a Wikipedia), para que eu pudesse comparar. Como disse, consulto várias fontes para explicar dados básicos e factuais, para aferir os dados, e esses estão muitas vezes repetidos, muitas vezes têm uma mesma origem. Este texto foi escrito em Setembro, já muitas coisas se passaram entretanto, já escrevi sobre muitas outras coisas e, se guardo o material relativo àquilo que escrevo durante algum tempo, já não tenho as coisas referentes a esse artigo e caixa.*”.

A jornalista ignora o que fez. E não tem memória. É pena...

O provedor propôs à jornalista que esta reformulasse as suas respostas até às 16H30 do dia seguinte. O argumento “*ele estava a escrever a crónica*” não colhe.

Quanto a fontes, o que está em causa são só duas. O provedor recorda que a “caixa” de Clara Barata reproduz literalmente na íntegra (à excepção de 8 palavras) o texto da *Wikipedia* (na ordem precisa do original) e vários parágrafos da *New Scientist*.

8- Diz a jornalista: “*Segundo, o provedor só no dia em que estava a escrever a crónica (quinta-feira, dia 4) resolveu enviar-me um mail, de conteúdo bastante vago, dizendo ‘Tomo a liberdade de lhe comunicar que os elementos de que disponho apontam para a reprodução de frases e parágrafos sem indicação das fontes e sem aspas.’*”

O provedor propôs à jornalista reformular as suas respostas até às 16H30 do dia seguinte. É diferente do que Clara Barata afirma (e está documentado na troca de mails). O provedor acredita, por outro lado, que a formulação “*reprodução de frases e parágrafos sem indicação das fontes e sem aspas*” significa para qualquer pessoa – e muito mais para um jornalista – um caso claro de plágio. Não é, ao contrário do que Clara Barata escreve, “*bastante vago*”...

9- O resto do comentário da jornalista é ainda mais surpreendente, senão vejamos. Escreve Clara Barata: “*Quando me mandou este críptico ultimato. O provedor não fazia a menor ideia do que era a minha agenda profissional ou pessoal. Eu podia estar de férias, fora em serviço durante bastante tempo, de baixa – impossibilitada, portanto, de lhe responder. O que seria grave. Também não fez esforços para obter um comentário do director do jornal, quando estava a fazer acusações tão graves.*”

Eis a versão integral do “*críptico ultimato*” do provedor: “*Tomo a liberdade de lhe comunicar que os elementos de que disponho apontam para a reprodução de frases e parágrafos sem indicação das fontes e sem aspas. Permita-me formular a seguinte sugestão: não quer reformular a sua resposta?*”

“*Críptico*” significa “subterrâneo”. A formulação de Clara Barata é uma forma original (e decididamente letrada) de definir a clareza das palavras do provedor: qual o significado de “*reprodução de frases e parágrafos sem indicação das fontes e sem aspas*”?

O provedor refere, por outro lado, que não era obrigado a sugerir à jornalista a reformulação das respostas. Fê-lo por uma questão de transparência e de equidade.

Quando à afirmação da jornalista “*Também não fez esforços para obter um comentário do director do jornal, quando estava a fazer acusações tão graves*” o provedor esclarece que não compete a Clara Barata decidir a quem o provedor deve pedir comentários. Por acaso, o provedor não falou com um director, falou com dois...

10- Escreve a jornalista: *“Nunca, na troca de mails que se seguiu, e durante a qual acabei por ficar bastante baralhada em relação ao que seriam as suas intenções e o conteúdo da sua crónica, o provedor teve o gesto simples, e que teria clarificado a situação, de me enviar os textos que dizia terem sido copiados, para que eu pudesse olhar para eles e confrontar o que foi escrito.”*

Clara Barata não entendeu e continua a recusar entender que o cerne da questão é o plágio. As intenções são irrelevantes. Os factos, plágio ou não, é a única questão importante.

O provedor considera estranho que a jornalista precise de ser confrontada com os textos (que o provedor enviou, aliás) para saber se copiou. Errar é humano e reconhecer os erros é uma prova de nobreza.

11- A jornalista afirma: *“Se o tivesse feito, eu teria percebido que havia dois parágrafos muitíssimo colados ao texto publicado pela “New Scientist”. E ter-lhe-ia dito que isso é um erro, e não deveria ter acontecido, até porque tinha outras fontes – que consultei e não citei, como os vários comunicados de imprensa sobre o tema e o próprio artigo científico na Nature.*

Só posso dizer que terá sido um facilitismo usar aqueles parágrafos em que o assunto já estava bem explicado, e não os trabalhar mais (...).”

“Facilitismo” é a peculiar definição de Clara Barata para plágio...

E não são apenas aqueles parágrafos nem a “caixa”. Há mais texto polémico. Basta comparar o seu artigo com o da *New Scientist*...

12- Clara Barata continua: *“Posso reconhecer um erro e dar a mão à palmatória. (...) - Mas, para que isso aconteça, preciso de poder ver e comparar todos os dados – coisa que o provedor não me facilitou. Optou antes por um comportamento que considero eticamente discutível: deixou as acusações que me parecem mesmo graves para a última hora, e nunca as tornou claras, nem quando instando a clarificar o que queria dizer (é insuficiente apresentar-me umas frases em inglês que parecem traduções das minhas, sem identificar a sua origem não me dizem nada).”*

É a fuga em frente. O provedor – repito – facultou a Clara Barata 13 casos concretos de plágio...

Clara Barata diz: *“as frases em inglês que parecem traduções das minhas”*. Não terá sido, portanto, Clara Barata quem plagiou a *New Scientist*, mas o oposto. O problema é que o artigo da revista *New Scientist* com frases em inglês que *“parecem”* traduções da sua prosa foi publicado antes, mas isso é necessariamente irrelevante.

13- Derradeiro argumento de Clara Barata: *“Finalmente, produziu uma crónica que é altamente difamatória. O caso do jornalista do San Antonio Express dispensado por plagiar informação da Wikipedia é bem mais grave do que isso. Quem estava em causa era a provedora daquele jornal, e o que estava em causa eram vários tipos de informação que usava sem fazer qualquer tipo de atribuição, como se pode ler nesta notícia da “Editor & Publisher” de que faço aqui ‘cut and paste’.”*

Clara Barata não se questiona, prefere questionar o provedor. É um direito que lhe assiste.

No San Antonio Express-News era uma jornalista, não era um. Não foi “dispensado”, “dispensou-se” (*sic*).

A jornalista do PÚBLICO omite um facto que o artigo do “*Editor & Publisher*” refere: o que despoletou o caso não “eram vários tipos de informação que usava”, mas só isto (o original pode ser consultado no documento de Clara Barata): “*she used information from Wikipedia in a Dec. 25 column on the birth date of Jesus, without attribution, the paper reported today*”. Em português: “Ela usou informação da Wikipedia numa coluna de 25 de Dezembro sobre a data de nascimento de Jesus, sem atribuir a fonte, noticiou o jornal hoje”.

CONCLUSÃO

Só posso repetir aquilo que escrevi na última crónica do provedor:

“A ausência de princípios éticos, a demissão e a resignação dos jornalistas acabarão, inevitavelmente, por destruir a frágil relação de confiança com os leitores.”

A credibilidade passa pelo profissionalismo e a ética. E a humildade de reconhecer os erros. É bom não o esquecermos, independentemente do resto.”